

desenovelamento

Julia Almeida Baranski¹

Através das janelas abertas, a manhã.

A cidade invadia, pouco a pouco, a escuridão das pálpebras, prenúncio de novo despertar eufórico. Entretanto, ao invés do espasmo habitual, guindaste diário a pô-lo ereto-homem sobre os próprios pés, Mateus não sacudiu o sono dos olhos, nem bocejou pesadelos-pretos; ele apenas pousou, com inesperada delicadeza, a ponta dos dedos sobre os cílios, aquietando-os, despreocupado e calmo.

Pela primeira vez: não.

Largado no sofá do quarto, ainda não totalmente desperto, Mateus sentiu-se lúcido. Sempre fora um homem engasgado. Engasgava-se com a água da torneira ao escovar os dentes e, então, cuspiam afrito pasta e espuma na pia do banheiro; também o café com leite, cuspiam-o no pires de porcelana rendilhada, natas marrons, espessas e muito quentes. Era um homem que se engasgava com a própria saliva, com a textura do mel; mesmo a fruta espremida, tornada suco e sem bagaço, sufocava-lhe as entranhas. Excretava tudo que ousasse penetrá-lo além da goela: Mateus vivia na superfície.

Outras vezes soluçava. Impossibilitado de beber, de comer ou de qualquer gaguejar tímido de palavras. Nesses dias [nos olhos um brilho alucinado], Mateus, aos puxões, abria a gaveta da cômoda de cabeceira e tomava na mão uma caneta. Submisso à sua rígida gramática interna, escrevia bilhetes para si mesmo. Soluçando, estabelecia diálogos de pontuação impecável com janelas e geladeiras, mesas e cabeceiras, com o box do chuveiro, a tampa do vaso sanitário, meias, cuecas, com os talheres de aço.

Mas não naquela manhã.

Não pulou feérico de seu colchão de molas para, apressadamente, vestir a roupa escolhida na véspera. Não se barbeou às pressas, tampouco disfarçou seu cheiro forte com água de colônia; não queimou torradas, não ouviu o noticiário, também não limpou os óculos com lençinhos umedecidos.

Ainda de pijama, Mateus entrevia a realidade tomando forma; a nitidez dos contornos emergindo dentre imagens nubladas de sonho. A sensação tátil de si mesmo ressurgia lentamente do desconhecido; primeiro as têmporas em latejar

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Defensora Pública do Estado da Bahia. Representante na 1ª Regional de Feira de Santana na Comissão Estadual de Defensores Públicos de Direitos Humanos da Bahia (2019-2021). Ex-defensora Pública do Estado de São Paulo. Bacharela em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco - USP. E-mail: julia.baranski@defensoria.ba.def.br.

leve, depois a língua e o contorno dos lábios sedento-secos. Finalmente, a percepção de sua garganta travosa, arranhada por inúmeros fios de cabelo. Era a primeira vez que percebia isso-assim, este travo de acesso bloqueado, ronco de ar e de saliva. Cada vez mais angustiado, querendo dar passagem ao que quer que fosse, Mateus arriscou tossir [soluços e escarros], mas nada lhe trouxe alívio.

Quando, de repente, a língua desenrolou-se para fora da boca, os dentes arreganharam-se, mostrando-se pontudos e branco, brilhantes, o tronco curvou-se sobre si mesmo, as mãos pressionaram com força o abdômen retorcido em dores. Mateus arfou assustado, desentendia. Uma segunda contração imprevista dobrou-lhe novamente o estômago nauseado.

Então, o vômito.

Cauteloso, adiou ao máximo abrir os olhos. Mas, quando finalmente abertos, eles viram sobre o tapete, coruscante, um novelo de lã vermelho.

Aturdido, Mateus inclinou-se na direção do pequeno novelo. Os olhos focalizaram, com a minúcia das lentes de aumento, as reentrâncias da coisa-lã, sua trama encarnada, quente.

...desacredito neste mistério que sigilosamente engendrei...

O pensamento, como um suspiro, voou-lhe narinas afora e, então, pousou sobre a lanosidade rubra. Agônico, um grito. O próprio novelo gritava, muito humano, de dor e raiva. O sopro do homem agredira-lhe o frágil equilíbrio de enigma.

Assim: desenovelamento.

Desenrolava-se ágil em meio à algazarra de si mesmo, ora berrando sons ininteligíveis, ora maliciosas sílabas. E as sílabas, a princípio desconexas, desprendiam-se todas do montículo a que haviam pertencido. De repente, palavras. Uma longa e reta lanugem de palavras espalhadas pelo tapete da sala. Finalmente livres, corriam aflitas em direção à porta de saída.

... um novelo de entrelinhas...

Atônito, Mateus passou a perseguir as palavras-felpo, em desenovelamento, fugidias.

Balbúrdia de linguagem recém-solta, saltando muretas, muralhas, paredes e tapumes; impudicas diante de morros e monumentos, edifícios. Os dizeres de fundo-de-homem desenhavam, feito estampa viva, o cimento dos muros, escancarando o assombro do derredor. E Mateus, no encaixe de sua vida, desesperado, os perseguia. Suas pernas, curtas para tamanha altura, moviam-se em estiramento rasgado de músculos, câimbras de dúvida. Saltos rasantes de precisão nenhuma, pés tropeçando no tijolo-fim de cada instante, presos no desnível de tanta construção.

Embora oscilante, Mateus prosseguia.

Cada vez mais rápidas, as palavras do novelo-em-desfazimento transformavam o vazio da cidade em dicionário personalíssimo. Interjeições e verbos misturavam-se à água corrente das beiras de calçada e despencavam, desavisados, em bueiros e buracos; galgavam galhos de árvores, feito trepadeiras

pretas, manchando com caligrafia arredondada as folhas de verde intenso. Atropelavam ciclistas, golpeavam cachorros, invadiam domicílios. Logo atrás, Mateus, quem pedia desculpas ao velho pisoteado por um adjetivo inescrupuloso e à moça, em cuja saia, embrenhara-se um substantivo obsceno. Sem perder o desnovelo de vista, enrubescido, distribuía gestos de perdão.

Até que pausa, enfim, descanso.

Embaixo das axilas, dois enormes círculos de suor, os pelos do peito e da perna, molhados, grudavam-se à pele do homem. No entanto as panturrilhas, estranhamente rijas, não mais fraquejavam ao sustentá-lo, a longa maratona injetara-lhes tônus; do abdômen, a náusea desaparecera, assim como sumira a fibrosidade de sua garganta. Ele inspirou profunda e demoradamente. O novelo, seu regurgito, desenrolara-se todo, estancara quieto diante de uma casa desconhecida.

Terminada a perseguição, confuso, Mateus olhava atrás, ao lado, à sua frente uma porta entreaberta. Inspirando, expirando, engolindo a saliva, Mateus, em gozo de recém conquistada alforria, rendeu-se ao susto daquela porta e adentrou-lhe o escuro.

No corredor, um odor envelhecido de madeira e flores secas. Mateus deslizou pelo espaço amplo da casa. Entre os móveis esparsos: passos de valsa. E, enquanto valsava ébrio pelos aposentos, rememorava clareiras na floresta. As árvores em círculo, atrelamento de raízes e de troncos, cercado vivo de heras e musgo, um centro-alvo de especial luminosidade. Em delírio, tocava, com seu corpo, a mesa e as cadeiras, relembrando, sensorialmente, um algo-que-já-sabia. Uma coisa qualquer o impelia.

E este mesmíssimo qualquer impulso o fez parar e abrir os olhos, que até então giravam cerrados na órbita das próprias pupilas. Chegara ao centro, núcleo-seu de luz intensa. O cerne de sua clareira, bem ali, escondido num quarto escuro. Mateus já não valsava leve, pisava, com todo o peso de seu corpo, o assoalho seco, imitando o retumbar assustado de si mesmo.

Na cama, uma perna nua beirava as margens do colchão, dois seios empinados respiravam tranquilos. Mateus caminhou, vacilante, ante a certeza simples daquele corpo. A náusea de há pouco, o seu soluço de não-dizeres, toda a sua existência engasgada retornou uma vez mais do claustro, porém, dessemelhante. Já não era obstrução, era, sim, necessidade urgente de soltura. O ar passeava em bolhas no seu de-dentro, veloz, buscando exprimir-se em palavras.

E a primeira, aquela por mais tempo profundo-guardada, abocanhou o silêncio de mil-medos do homem, ainda desacostumado a tão bem querência, quero. Assim, a bolha estoura. A certeza de que, neste momento, desembucha-se:

— Maria.